



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Redacção, Administração e Propriedade—Casa do Galato do Porto—Paço da Sousa
Vales do Correio para Cete

DIRECTOR E EDITOR—PADRE AMÉRICO

Composição e Impressão—Tip. da Casa Man'Alvares—R. Santa Catarina, 628-Porto
Visado pela Comissão de Censura

DOCTRINA SOCIAL

A exemplo do ano passado, também este vamos publicar em o prestigioso quinzenal, coisas muito sérias que se disseram ao micro dos Postos Emissores da Invicta, poucos dias antes do Natal. Aqui vai uma das famosas palestras:

Senhores Ouvintes; conquanto seja esta a quadra de pedir o Natal, eu não o venho fazer a este posto emissor. Venho, sim, pedir auxílio para a construção do edificio das escolas na nossa aldeia.

Não venho pedir o Natal. Eu acho muito triste que os nossos pobres tenham uma refeição quente no dia 25 de Dezembro, e passem praticamente sem comer nos mais dias que o ano tem! Eu acho muito triste que aqueles que podem, façam neste dia uma tradição e não vejam nos outros uma obrigação. Tanta gente que não acende o lume neste dia, por ter perdido o habito de o acender nos outros, de pobres que são! De uma vez, entrei em uma casa de

familia na noite de Natal. Não tinham feito nada. Não havia de quê. Duas creanças estendiam a mão, de sobre uma enxerga. Enganei-as com um pouco de café, disse a Mãe, a chorar de pena pelos filhos! Nós não choramos!

Eu quizera que estas ofertas do Natal aos irmãos de menor fortuna, fôsem um presente cristão. Qualquer coisa para diferenciar o dia e a mesa. Um pequenino acrescento à suficiência de cada um. Assim, e dar mais aos que não tem, para ficarem outra vez sem nada.

Não vamos diminuir os esforços dos que trabalham nesta campanha. De maneira nenhuma. Vamos mas é pedir que se tremam de dor, diante das legiões de andrajosos. Que se medite que os milhares presentes, representam outros tantos que não foram chamados e ainda outros que precisariam de o ser, mas por vergonha se escondem. Que pela desgraça de que eles não dão fé, conheçamos nós a desgraça que temos na nossa terra. E' isto o que eu queria dizer.

Não venho pedir o Natal. Quero

um edificio na nossa aldeia, para instalar as escolas. Tenho obrigação de fazer quanto em mim está, por livrar da miséria estes meus filhos que dela vieram. Eles não sabem lêr. E' uma consequencia da vadiagem. Escola e trabalho, são elementos desconhecidos. Pois na vida da nossa Aldeia são precisamente estes os dois elementos que os salvam.

O edificio vai custar duas centenas de contos. Ele está enquadrado a subir dentro de breve tempo.

Há verdadeiras vocações intellectuais neste cisco das ruas. Temos aqui um pequeno das ruas do Porto, que os professores tem medo dele de inteligente que é. São brilhantes que temos de lapidar. Ora para isso necessitamos de um edificio, onde estes rapazes desabrochem.

Não se discutem algarismos, quando está em jogo o valor da pessoa. Não há dinheiro que pague um homem de bem, fonte das verdadeiras riquezas. Peço ao Porto que me ajude.

No Caminho de Lisboa

Foram 4 dias de recovagem. Levava muitas encomendas e recebi muitas encomendas. A melhor de todas, foi um delicioso almoço e cinco contos pró caminho! Era uma casa muito soalheira, com olhos para o rio Tejo; tão fidalga e tão discreta, que da rua ninguém na vê.

Quem dá assim tanto dinheiro para a Casa do Gaiato, é sinal evidente que dá muito para muitas casas. O dar é filho da Bondade e tem consigo este predicado. Nas ruas da Baixa, enquanto passava, houve uns senhores que tiveram muito gosto de me vêr, e eu mais de os encontrar!...

Ao hotel onde estava, foi ter uma nota de 500\$00, que me pareceu das mais bonitas que já viam nos Ministérios, via-se o povo a cruzar a Praça do Comércio.

Estive no da Guerra, no da Justiça, no do Interior, no das Obras Publicas, e ainda em outras dependencias daqueles colossos, espalhadas nos palacios da cidade. Por isso são tão grandes as tormentas, pelo tamanho das naus. Pobre de quem vai ao leme! Não sei como possa haver no mundo quem goste de mandar!

Sempre que vou à Capital, regresso a casa transido de medo. Medo de mim. Todos conhecem e compreendem a *Obra da Rua*. Falam, perguntam, querem ouvir noticias dos rapazes. Confiam absolutamente no exito. Acreditam nos metodos. Querem ser testemunhas da ressurreição. E eu tenho medo de mim!

No hotel, estava uma data de Missionários e de Religiosas, à espera de vapor para o Congo Belga. Eles e elas, com seus habitos. Perfeitamente em sua casa, comendados no refeitório comum e nas salas-de-estar, as Religiosas faziam renda e escreviam. Achei muito bem. Aqui há tempos, estiveram duas Religiosas na Casa do Gaiato. Era de inverno. Caía neve. Queize ofereci-lhes uma coisa quente. Que não! Não achei humano. Eu cuilo que os Fundadores das Ordens e Institutos Religiosos, não puzeram estas medidas nas regras. Fizeram-nas.

Pois eu todo me regateava de vêr o a vontade daqueles e daquelas Religiosas entre um mundo profano. Almas recolhidas a trasbordar alegria; aquela alegria que é um dom do Espirito Santo. Gostava de os vêr em oração depois de comer, cotovelos apoiados sobre a mesa, olhos cerrados, em conversa com o nosso Bom Deus! Era um acto pu-

UMA CARTA

Aqui vai uma carta que se destina... só a nós dois! Há muito que queria comunicar consigo só para lhe dizer isto: penso na Obra, acompanho a Obra, apenas porque creio na vida Eterna! E é tão simples, tão consolador, — depois de se sentir a valer que se crê nessa vida, — viver-se para aquelas coisas que nos hão-de conduzir lá a Cima!

Sou engenheiro. Estou bem « instalado » na vida, « arranjei-me » bem, mas queria e quero cada vez mais que Deus me dê a graça de... me lembrar dos outros! Queria que isso fôsse uma obsecação permanente em mim, queria lembrar-me mais daqueles que sofrem cá no mundo do que de mim próprio. Para isso tenho, além de muitos outros processos, o seu jornal, o « Gaiato », que constantemente me chama à grande realidade da vida, à grande realidade que o Senhor quer se crave profundamente no nosso coração: a caridade.

Ajude-me, pois, Padre Américo. Reze por mim, pouquinho que seja. Não precisamos de nos conhecermos pessoalmente para nos ajudarmos:

basta-nos mergulharmos em Deus para estarmos juntos e unidos para o mesmo fim.

E' tão difícil viver-se « bem instalado » e lembrarmos-nos dos que estão mal instalados! Custa tanto lutar contra o ambiente que nos cerca, contra as grandes tendências de aburguesamento que nos atacam por todos os lados!

Esta carta não pode destinar-se só a nós dois, como o signatário deseja, porquanto a luz não é de esconder, — e ela é feita de luz. E' de um Engenheiro moço, que se vai casar brevemente. Pois que breve sejam conjuges os que hoje se namoram.

Estes heróis do Amor de Deus veem-se confessar ao *Gaiato*, para confusão de quem o dirige. Eu antes quizera confessar-me a eles, para admirarem o poder de Deus,

que se compraz em se servir do lixo para apanhar lixo!

Quem ensinaria este jóvem a gemer o conforto que goza em sua casa bem instalado por amor daqueles que não tem casa? Só a caridade arranca do peito dos mortais estes sublimes gemidos.

Quem há aí que sofra, que eu não sofra também?! — diziam os apóstolos daquele tempo. Mudaram os tempos, para desgraça de todos, mas as brazas, — não.

Esta carta é toda inspirada no Evangelho. Ela sobe das creaturas ao Creador, que é o caminho do conhecimento de Deus. Aquela obsecação em se lembrar mais dos outros do que de si mesmo, é toda a Lei e todos os Profetas. E é também uma condenação formal à religiõesinha das maiorias, que não estão para se incomodar, nem quem que os incomodem!

Reze por mim, meu caro Engenheiro, pouquinho que seja. Que também eu sinta no meu peito, cada vez mais, a fome e a nudez dos irmãos.

Américo

Uma cartinha

... que eu mandei à
suprema Direcção de
uma Casa Comercial

Cuido que foi há dois anos que eu estive aí a falar com um dos Membros dessa Direcção, a quem fiz um apêlo para a Casa do Gaiato do Pôrto e fui atendido com um crédito de cinco mil escudos, lançado na nossa c/c.

Este ano, fiz o mesmo apêlo à Direcção que mandou lançar quinhentos escudos, pelos quais fico muito grato.

Não me queixo. Ninguém me deve nada. Sômente deploro o critério da operação.

Quem tem mesa posta e cama feita, Ex.^{mos} Snrs., experimenta dificuldade em compreender e sentir a tristeza dos que não têm nada, o sacrifício de quem por eles trabalha e os perigos sociais de reduzir o auxílio. Talvez V. Ex.as gostem de saber que a "Obra da Rua" já hoje abriga nas suas três Casas do Gaiato, perto de duzentas crianças abandonadas, que tinham por habitação as ruas; por cama, os portais das casas e por mesa, os caixotes do lixo. Esta Obra, meus senhores, é de carácter meramente particular e depende absolutamente da generosidade dos que podem. Assim êles queiram.

Todos aquêles que se entregam à devoção de servir os humildes pelo que êles são e valem, falam alto e não ofendem. Não se tem coragem de lançar as cartas nos cêstos do papel, pela força de sinceridade. Os atingidos ferem-se curar-se, atendendo ao que lá diz. Oh missão divina de servir!

O mundo está a dar uma grande volta. O deus milhão está em maus lençóis e os seus templos e sacerdotes caem seguramente na miséria, se não abrem os olhos e abraçam a Pobreza do Evangelho.

Como gosto daquela palavra «falacia» com a qual o Mestre qualifica as riquezas! E como ela é verdadeira! Sim; engano.

Pois que vem a ser isto de «nacionalisar», «socialisar» Bancos e Indústrias, senão do reconhecimento do engano de riquezas colossais e da necessidade de distribuir?! O mundo está a dar uma volta;—para que se não volte de tódo, importa dizer as coisas como elas são, e reflectir.

blico de fé. Um sinal de que Deus existe. Uma prova de que o espirito vence.

De uma vez, um sujeito entrou numa igreja, por mera curiosidade. Um homem que ali se encontrava, sem saber que era visto, fez uma genuflexão ao Santíssimo Sacramento de tal forma, que o até ali incredulo, caiu de joelhos na lage da igreja, sem saber o que havia de dizer. Já tinha dito tudo, com o deixar se vencer! A tal ponto ama Deus os homens, que se serve, até, de um gesto exterior para os tocar interiormente! Quem sabe, também, se aquelas Religiosas, pela convicção das suas preces, não teriam levado alguns, naquele hotel, a reflectir nas coisas eternas—quem sabe? *Sicut Deus allexit mundem.*

Eu gosto muito de dar aqui de vez em quando uma pinceladilha de divino, para dar valor ao jornal e crear appetite nos seus leitores. Apetite das coisas santas.

DO QUE NÓS NECESSITAMOS

O órgão! Um órgão, completamente directo da capela. Será esta a vez primeira de pedir e não ser escutado? Há 15 anos que sou pedinte e nunca tal aconteceu!

Mais uma caixa de piões da Póvoa e mais uma dita do Pôrto, e mais duas dos empregados do Crédito Predial de Lisboa e mais uma outra do *Zé Dias* da mesma terra; tudo com suas respectivas faniqueiras. Mais de Fato um par de botas. Mais do Pôrto um caixote de brinquedos. Mais uma peça de flanela, de alguém que escudou o recado, em Famalicão. Mais do Golegã um pacote de roupas e dinheiro e oiro. Agora por roupas; pede-se o especial favor de não nos mandarem roupas de menina. E' tal o berreiro dos protestos, que os do campo teem acudido, a ver o que há na rouparia! Mais 50\$ do Pôrto. Mais 100\$ no Banco Espirito Santo de Lisboa. E' raro nos *Lisboetas*, atinar com as portas do Banco, para transações desta sorte. Gostam mais da página do *haver*. Mais dos Doentes do Sanatório do Outão, onde dissera ao micro que as doenças são remédio da alma, uma cotisação de 162\$50 — *migalhas de doentes pobres, que vem a dizer na carta. Fazêmo-lo não por esmola, que o não é, mas como pequena parcela para amortecer a dívida de todos os portugueses.* Os Doentes do Outão, são pobres, devidamente certificada e atestada pela autoridade. Recebem para os seus pequeninos alfinetes, qualquer migalha que se lhes dê. Ele há necessidade, tanto de que um, a espera de cura! Pois aquêles pobres de Cristo querem *amortecer uma dívida*, êles, mortificados no leito! As creadas do Sanatório também disseram que sim e dos seus pobres salários, tiraram 118\$70. São os pobres que dão aos pobres e está tudo dito.

Mais do Pôrto 50 quilos de farinha de pau. Mais de Lisboa 6 puloveres e mil escudos também da capital. Mais 20\$ por carta. Mais nas ruas do Pôrto, enquanto dou as minhas voltas, uma data de gente a perguntar se eu é que sou o dos gaiatos, com infinitos *tome lá e aqui tem*, consoante o paladar de cada um. Mais 500\$ no Banco e mais idem idem e mais 20\$ por carta e 100\$. Mais cinco contos no Banco.

Mais 20\$ do Porto, mais 125\$ de S. João da Madeira, mais 50\$ de Lisboa, mais dois contos da mesma terra, mais outros dois da Covilhã, mais do Porto, um presépio de *um humilde trabalhador que ganha assim a sua vida*. Mais uma pancadaria de piões com bico de lançadeira, coisa muito apreciada pela malta. E' faniqueiras. O nome é soberbo! Mais um *mande buscar* à rua X número X: trez pares de botas, um automóvel... sem corda, e mais coisas. Sim senhor; lá vai. Mais aviso para ir ao Largo dos Loios buscar riscados e flanelas e malhas. Sim senhor. Lá vou. Também um par de sapatos na rua Sá da Bandeira, mas tenho de os ir buscar. Vou, pois. Quem de os eu senão o recoveiro dos Pobres! Mais 75\$ do Porto.

Acabo de saber que o Teixeira da *Camisolândia* arranjou uma bolada de 4 contos nas visinhanças. Ele tem-me lá um *filho*, o Licínio. Foi êste o primeiro a colocar-se no

Porto! Seringou-me mais de uma mês para passar o dia de Natal com o Patrão.

Mais de Setubal 600\$. Não temos aqui espaço para numerar os envelopes com dinheiro e as coisas que o Porto tem entregado no Depósito; e no nosso Lar, na Rua D. João IV — 682 e seria necessário um livro de muitas páginas para reproduzir dedicatórias de almas apaixonadas.

Gasta-se tanto tempo a fazer discursos e projectos daquilo que se vai fazer a bem do Pobre. Oh Mundo, faze, realiza, põe em marcha e verás como as almas te seguem! Mais cinco contos da Capital. Mais um pacote de agasalhos e um dito, também da Capital. De Vila Real um pacote de roupas e uma medalha. Traz uma carta a dizer que a roupa é do filho e que êste é saudável. Muito bem. Espera-se que todos quantos nos enviam roupas usadas, façam disso um caso de consciência. Mais de Vila Real de Santo António 10\$. Mais de Freixo de Numão 200\$ e mais 50\$. Mais de Lisboa 500\$. Sim senhor. Lisboa está a marcar!

Mais dois contos do Pôrto. Mais dez contos idem. Mais 500\$00 ainda do Pôrto. Mais roupas de Espinho, mais ditos da Murtosa e uma nota de cem. Quere saber notícias do João Maria? De saúde, vai um pouco melhor, mas fique sabendo que êle é o rapaz mais bulhento que jamais entrou em nossas casas.

causa dele! Mais de S. João da Madeira um pacote de infinitas coisas feitas em casa que são as melhores. Trazem o bafo de famílias.

(Continua)

Do que se passou na Rádio - Renascença

Já depois de composto o que noutro lugar se lê acerca do que se disse e do que se recebeu nos postos centralizados do Pôrto, a Obra da Rua falou ao microfone da estação do Norte da Rádio Renascença. Falou o assistente de manhã e à noite. E falaram os gaiatos que foram entrevistados por um locutor. No período da manhã provou-se que em Famalicão se ouve muito bem aquela estação; *dez mil escudos dum Anónimo. Amanhã entrego-os ai.*

E entregou. Este desejo de dar com a direita, ignorando-o a esquerda, foi sempre timbre dos ofertantes que entendem a tragédia da criança abandonada.

De tarde e à noite chovia nas ruas e choviam os donativos aos telefones. Chuva demorada e lenta—daquela que rega com amor.

Ao dar da meia noite estavam apontadas ofertas no total de vinte contos a passar um nadinha.

Os gaiatos, ao puxarem-lhe pela língua falaram dos seus dois amores: o futebol e a Conferência de S. Vicente de Paulo, tão atarefados andavam em recolher aquela pobre viúva que só dorme debaixo de telhas quando a mendicância lhe permite ter, à noite, cinco escudos para um quarto em Banharia.

Os rapazes vibraram com êste mal, feriram-se nos mesmos espinhos. Falar ao microfone e ouvir o eco ao telefone foi obra dum momento. Já havia casa. Faltavam os trastes. Apareceram duas camas e logo a seguir dois colchões; louça de cozinha e de mesa, alguma roupa de cama, mēsas, uma cadeira, etc.

MIRANTE DE COIMBRA

Ainda desta vez não ficou iludida a minha confiança na bondade dos leitores dêste cantinho do jornal.

Com êle na mão, apareceu à porta do Lar uma senhora que entregou 50\$ e um óptimo cobertor. Na Casa do Castelo alguém deixava 20\$ e mais 25\$. De novo no Lar fui entregue de mais 10\$ e dois retalhos de riscado e flanela e, em Miranda, uma carta de Oliveira do Hospital entrava com 100\$ «para essa mãe agasalhar os filhinhos no areal, de uma a quem Deus concedeu a graça de os criar sem frio nem fome».

Ficou assim saldada a conta da lona, com vinte e cinco escudos de acréscimo.

A página do Avelino, que continua entre a vida e a morte, foi escrita sobretudo por doentes como êle; a desta mãe não deixará de oser por outras mães que sabem quanto custa o frio e o amor dos filhos.

Com dois gaiatos dirigi-me ao canal para armar a tenda preparada por êles, mas já lá não encontrei os pobres infelizes. Tinha agora outro poiso, depois duma noite trágica.

—Esta noite (de 17 para 18) o rio encheu e acordamos todos molhados. Eram três da noite quando fomos procurar outro abrigo.

—Para onde foram então? — perguntei.

—Olhe; só encontramos, com sua licença, um curral dum porquito, que alugamos à dona por trinta escudos!

Fui ver. Era verdade! Enquanto a tenda se levantava, sob um vendaval desfeito, o pobrezito sorria de alegria.

O mais velho dos filhinhos foi quem primeiro o notou:

—O paizinho está a rir... Vá mas é vendo como ela se desarma, porque lá para sábado temos ai a policia a mandar-nos sair.

—Não tenham medo. Digam que foi o sr. P.º Américo quem vo-la deu e logo vos deixarão em paz.

Claro que a cabana, se é lenitivo para esta pobre gente, não é remédio definitivo.

O tal sol que desponta em muitas terras de Portugal, por entre ruas asseadas e casinhas arejadas de lindos bairros económicos, não conhece ainda as coordenadas de Coimbra, que continua, Deus sabe até quando, em eclipse total.

Muito à direita do sinal de Filho do Homem, desejava ver-me, no dia das contas, com todos aqueles que, muito às escondidas, nos ajudam a matar a fome e dar abrigo a tantos pequeninos irmãos de Cristo, que gemem abandonados nêste vale de lágrimas.

1000\$ no Lar, a trêo duma oraçãozinha; 100 litros de vinho e carne em Vila Sêca; 50\$ dum visitante à Casa do Gaiato e 500\$ de outro; 20\$ à porta dum Banco onde está tanto que a ninguém aproveita; 25\$ num vale, de Braga; e finalmente um colchão para os pobres do Choupal.

P.º ADRIANO

Notícia

Recebemos vários telefonemas de gente amiga, a solicitar a presença de alguns dos nossos rapazes em suas casas, na noite de consoada, tendo dito a todos que não, comodamente. Nós somos uma família. Cultivamos o amor da família. A "Festa de Família," tem de ser celebrada em casa.

Os nossos assinantes

Até parece mal dizer-se, mas a verdade é que ainda há um grande numero de senhores e de senhoras, que não responderam ao ano de 1944, data em que o jornalinho viu a luz! Pois a cobrança é que eu não mando. Não de continuar a lêr de borla para sua vergonha, dêles e delas.

Cristobalina Feu Marchena, Praia da Rocha, 50\$; Francisco Vieira, Leiria, 30\$; Abel Moreira Barbosa, Castromil, 20\$; Alfredo de Pinho Paiva, Escariz, 25\$; Jandira da Silva Paiva, Cezar, 25\$; Lourenço dos Santos Pereira, 25\$; Maria Ferreira da Costa, 20\$; Norberto de Almeida Santos, 20\$; Menino João Angelo, 20\$; — todos de Macieira de Sarnes. Maria Ofélia Gonçalves Mourão, Esmoriz, 25\$; Dr. Gilberto Monteiro, Alges, 30\$; Maria Agostinha Carrocha, Murtosa, 20\$; Maria José Rodrigues Pinho, Murtosa, 20\$; Mariete de Castel-Branco Ramos, Lagôa, 20\$; Secretaria da Ccr. dos C. T. T. da Extremadura, 50\$; Joaquim Rodrigues da Costa, 50\$; Carlos Pais, 30\$; António Coelho Júnior, 50\$; Joaquim Almeida Carvalho, 50\$; José Oliveira Pais, 50\$; António Ferreira Soares, 25\$; Joaquim Marques Pinto, 30\$; Joaquim Alves Godinho, 30\$; Alves & Sá, L.da, 30\$; José Maria Pereira da Silva, 25\$; Rosel André Carvalho, 25\$; — todos de Paços de Brandão.

Casa do Gaiato Alentejano

Fui por aí abaixo até Alcácer do Sal, onde o paroco da terra quer fundar uma Casa do Gaiato, na verdade já principiada, com 14 garotos lá dentro. O local domina horizontes. Em baixo, o Sado. A estação, a dois passos e a vila da mesma sorte. A zona é de seções, e é pena.

Os padres do Alentejo, estão a encarar o problema do pequeno vadio e começam a compreender que eles são na verdade a sua parte. Há verdadeiras devoções. Todos querem trabalhar.

O povo alentejano, perdeu, ao que parece, o caminho da igreja e não se lhe dá do senhor Prior. Aquilo é luxo de ricos, dizem, e tratam mas é de lavar as geiras e colher o pãozinho. Pois muito bem. Aqueles obreiros do Evangelho, descobriram que para transformar esta opinião do laborioso e bom povo das terras do além-Tejo, só tem um caminho aberto: anparar e fazer suas, as creanças abandonadas, com uma Casa do Gaiato em cada distrito. Mais nada.

Voltando ao lugar e fundação da casa em Alcácer, temos ali o sistema, temos a boa disposição do P.º Fernandes, mas faltam instalações. Estão 14; devia estar somente metade daquele numero.

A casa é muito pequena. Urge construir casas alentejanas, fazer vir a água, instalar o garoto da rua com decência, sem o que ninguém pode fazer obra limpa. A sociedade está com os olhos postos neste sistema de educar.

O P.º Fernandes tem de se fazer mendigo e os alentejanos, de dizer que sim.

Nós não pedimos nem queremos as fortunas de ninguém; quem nas tem que as sofra! O P.º Fernandes e os mais do Alentejo que trabalham nesta vinha do Senhor, querem as sobras dos ricos. Abrir um nadinha as mãos. Reflectir na desgraça dos milhões.

Os cristãos do nosso tempo tem mão da Pobreza, e arrastam o mundo para a miséria!

LIBERDADE DO JORNAL

A Maria de Braga, andava há um rôr de tempo a seringar para que fôssem ali. Foram.

Era o Amadeu, o Oscar, o Ernesto maio Avelino. Saíram os quatro da sucursal do Porto às tantas da manhã e regressaram às tantas da noite. Calhou-me estar ali àquela hora.

O comboio veio à tabela e eles galgaram da estação para casa, mortinhos por contar. Piões. Figos. Roupas. Dezasseis novos assinantes. Quinhentos e tal jornais despachados, Elvas e Oscar empatarem com 150 cada um. Avelino, dez a menos. Ernesto, ficou nos 84. De acréscimos, não se fala; Amadeu, 70\$20. Oscar, 120\$00 Avelino, 100\$00. Ernesto, 80\$00. O Avelino conta: «Oscar mais eu fômos comer a casa duns senhores. Era batatas com uma coisa e era maçãs e tangerinas e café e doces. E deram a escolher se a gente antes queria maçãs assadas ou marmelada. E deram p'ró caminho doces e pão. Eram 3 pasteis. Nós demos um ao Ernesto e outro ao Amadeu que não tiveram pasteis nos senhores onde fôram, e repartimos o nosso». Oscar, o feliz companheiro do Avelino, estoirava se não falava também. Eis: *a gente comeu coisas de uma garrafa! e a senhora deu-me esta carteira (mostrou a carteira) que era para as notas e disse p'ra gente a segurar com a mão nos bolsos por causa dos ladrões e eu cá, vim assim todo o caminho. Olhe como ela é por dentro.* (Mostrou).

A senhora deu-me 20\$00 e deu 10\$00 ao Avelino e a creada deu-me 2\$50.

Assim se conquistam cidades! Oxalá fôssem assim tôdas as guerras! A cidade do Porto, essa já há muito que é dêles.

Amadeu e Os ar andam rentinhos; o primeiro, vendeu 258 e o segundo 240!

O Luciano, entregou-me duas notas de 500\$00: *é da minha senhora; metade para rabanadas e metade para o cálice.* Eu acho simplesmente delicioso, os nomes que eles dão às coisas e às pessoas. Este *da minha senhora*, é uma Senhora que todos os domingos lhe compra o jornal e pergunta se o cálice já está feito, pois que para êle entregou ao rapaz uma joia preciosa.

Todos os mais vendedores ocuparam o seu lugar, tendo vendido mil e trezentos números e entregado quatrocentos escudos de acréscimos. Paredes, o costume.

Um anónimo

O ano passado por este tempo, no dia seguinte ao dos peditórios nos Postos Emissores para a Casa do Gaiato, apareceu um senhor no Banco Espírito Santo com 50 contos num envelope e entregou.

Preguntado pelo Gerente, recusou-se a dizer quem era. Pois este ano, aconteceu precisamente a mesma coisa!!

Estas coisas não se comentam. Silencio paga-se com silencio e não se fala mais no caso!

Crónica da Casa do Porto

A nossa conferência continua em actividade. Já arranjam casa para uma mulherzinha viuva com 4 filhos e que não tinham casa. Viviam na rua. Com o dinheiro que recebemos dos subscritores pagamos a renda de casa dêstes pobres.

Fizemos um apêlo na Rádio Renascença e tiveram a caridade, alguns ouvintes de contribuirem, com camas, colchões, 2 lençois e duas mantas, pratos, colheres, garfos, cadeiras, etc. para mobilarmos a casa. No dia 31 de dezembro vamos lavar e caiar a casa e no dia 1 de Janeiro vamos instalar lá de surpresa a pobre viuva que já viveu bem, pois o marido era guarda-livros.

No dia de consoada demos aos nossos pobres, umas senhas para irem ao Grémio dos Armazenistas de Mercaria, buscar, bacalhau, batatas e feijão. Temos um velhinho muito doente; não come nada. E' só de apetites. A gente leva-lhe o que pode.

Nesta Casa do Pôrto passamos o Natal muito alegres. Fomos na

noite de consoada, ouvir a missa do galo, à igreja de Cedofeita. No fim quando regressamos, comemos em casa bolo rei oferecido pelo Espelho da Moda e uma cafézada. No dia seguinte fomos ao futebol e tudo decorreu bem. A sobremeza houve bolo-rei oferecido pela Padaria Brasil. Não faltou vinho fino oferecido pelos nossos amigos. E formigos e aletria e rabanadas.

No peditório na Renascença houve quem desse donativos para os nossos desportistas; obrigados, bem hajam. No domingo passado, fomos jogar a Aguas Santas, à Fábrica de Moagem. Quando chegamos, passados uns minutos fomos jogar. O campo estava muito lamacento, por isso influiu muito no jogo, que, pouco tempo durou. Decorridos 15 minutos aproximadamente tivemos que abandonar o campo porque a chuva caia a rodos. E no final já ganhavamos por 2 a 0. A nossa turma era formada por rapazes do Pôrto e de Paço de Sousa.

Do que se disse e ouviu nos Postos Emissores

Foi no pretérito dia 16, como estava anunciado. Começou-se às 10 horas do dia e a derradeira palavra, foi dita à meia noite. As autoridades aplainaram os caminhos. Deram um sim generoso a tudo quanto lhes foi solicitado. São homens de coração.

O interesse do Pessoal dos Postos, media-se pelo dos ouvintes. E' simplesmente espantoso notar como o assunto prendia uns e outros, durante as três horas de emissão em cada Pôsto!

Pediam telefones nas vizinhanças e apareciam telefones nas vizinhanças. Os donativos eram de toda a ordem. Impossível descrever-se: fábricas, oficinas, lojas, armazens, pastelarias—todos ofereciam coisas dos seus stoques. O Senhor das Botas, lá apareceu com uma peça de flanela. Cauteleiros, os humildes cauteleiros da rua, davam cauteelas, *a vêr se a sorte grande sai.* Vinham pelo seu pé traze-las.

Venderam-se anedotas contadas ao micro por 500 escudos! Aparecia a creada de servir com os seus vinte e cinco tostões em prata. A costureira que tem um primo na Casa do Gaiato. A voz santa e eloquente dos humildes.

Um grupo de moços tripetros, andou todo o dia ocupado a tomar nota das infinitas inscrições, que não-de ser cobradas. Eram os mesmos do ano passado. A Ala dos Namorados, como aqui se lhes chamou então, e hoje também. Alguns dos nossos catraios, traziam listas de donativos dos telefones vizinhos. O Julio e o Bernardino, vinham sempre mostrar, antes de as entregar aos locutores: olhe!

Um cortejo de oferendas para a Obra da Rua.

O balanço final acusava 37 contos subscritos e uma pancada de vinhos, cortes de fatos, pastas dentíficas, sabão e sabonetes, flanelas, calçado, etc. etc.

Ai Pôrto. Quanto tarde te conheci!

O Snr. Carlos Cunha deu-nos uma bola que em sorteio coube aos de Paço de Sousa.

Os do Pôrto continuam a treinar-se com a bola já usada que há meses veiu de Matozinhos.

Algumas ofertas que nos deram para esta casa: uma peça de flanela, 1 duzia de peugas, umas caixas de vinho do Pôrto, uns caixotes de aletria, um embrulho de roupas, mais vinho do Pôrto, 3 caixas de sardinha de conserva, 2 peças de flanela e 24 cobertores.

Os gaiatos empregados na Camisolândia, Confiança, Piloto e no Júlio Carneiro & Comp.ª, tiveram todos consoada, a saber respectivamente: o Licínio teve um relógio e um fato, o Adriano teve 3 camisas e 60\$00, o Bernardino vai ter umas calças, o Fernando teve um par de botas, 3 camisas e um plover, e o Avelino que agora está a estudar e a tratar do «Gaiato» recebeu do antigo patrão 1 camisola, meias, e vai ter um fato.

Como já me tinha esquecido o Licínio veio-me lembrar que fazia anos no dia 4 de Janeiro, êle bem sabe o que quer dizer com isso.

Fizemos um presépio, pobresinho, mas nós também somos pobres. Todos trabalharam, uns iam buscar areia, outros arranjavam a electricidade, etc.

Sabado tivemos uma sessão de cinema, exibido pelo agente da Pathé Baby. De entre as fitas destacamos aquela que foi filmada na Casa do Gaiato. Correu tudo nas mil e uma maravilhas. Obrigados.

NOTÍCIAS DIVERSAS

O Bucha, à medida que se vai familiarizando, desembucha; mas é só quando está de maré. Não sabemos ainda verdadeiramente qual é a sua terra natal, pela confusão dos informes, mas já sabemos que tem mãe e que é viva. Ele mesmo no-lo disse, numa daquelas horas em que delibera falar:

«Então como é que eu não havia de comer o pão das esmolas, se a minha Mãe não me dava uma saca! Metia nos bolsos, tentava-me e comia. Apanhava muita pancada e fugi».

O Zé Eduardo e o Elvas foram a Cête esperar-me de regresso da viagem às terras para além do Tejo. Como a ausência foi grande, quiseram ser delicados. Era noite e fazia muito frio. Encheram-me os ouvidos cada um de sua maneira, de sorte que ao chegar a casa estava de posse dos mais graves acontecimentos.

Um dêles, foi que a *senhora* adoeceu e que os cozinheiros deram conta. O Elvas tira a palavra ao Zé Eduardo, para afirmar com muito calor que se comeu sempre a tempo e horas, não se esquecendo da sentença: *mereceram um prémio*.

— Então a menina Maria da Luz não ajudou? (A Maria da Luz é a nossa Assistente Social).

— Qual ajudou; ajudou nada. Ela ia mas é aquecer as mãos ao fogão e ia-se embora. Merecem um prémio.

O sentido da justiça está no peito das crianças. Prémio e castigo, são coisas que elas aceitam bem. Dão-lhes força moral. Confiança nos homens. Amor à vida.

NO passado Domingo, que era a folga do Carlos, veio o Sporting jogar ao Pôrto. O rapaz tremia ao fazer-me o pedido, com medo que eu dissesse que não. Eu dizer que não onde possa dizer que sim? Nunca!

O Carlos morreu pelo Sporting. Há outros que também, mas este mais.

VENHO agora mesmo de visitar o Xancaxeque. Caiu doente. Estava ao pé dêle o Fernando, a fazer companhia. Disse-me que o enfermeiro tem sido fixe.

JÁ há muito tempo que eu dei fé do Zé Eduardo respirar pela boca, não só de noite, mas também durante os trabalhos. *Oh Zé; fecha a boca!* E o pequeno narra o seu mal. Foi ao Pôrto, de mando do nosso Médico. Marcou-se dia da operação. Dizem-me que ele passará doravante a ser rapaz de dar conta do seu recado. Oxalá. Se assim fôr, é

mais uma lição que todos devemos tomar, de como os castigos corporais devem ser matéria de sérias reflexões.

O Zé Eduardo apanhou algumas vezes com a colher de pau, no refeitório, de meu mando. Pois vinha *sempre* beijar a minha mão pecadora, imediatamente ao castigo!

Estas coisas não se acreditam! A gente sente-se pequenino, à beira dêstes gigantes... da rua. Pois se acontecer como o Médico afirma, dentro em pouco irá para o seu pósto. Feliz a firma comercial que o tiver como seu empregado! Não se me dá de ficar sem os *meus filhos*, quando êles vão enriquecer a mundo.

O Zé Maria acaba de assomar à porta do meu gabinete de trabalho, para dar outro nome ao meu quarto de dormir. Ficou a meia porta. *Abre e diz*.

— Dá licença que eu vá cortar o cabelo à papo-sêco?

Como posso eu dirigir uma Obra tamanha, escrever um jornal tão importante, fazer relatórios de fim do ano, abrir e despachar correspondência, mendigar o pão de cada dia, aturar dores de cabeça, tendo de atender todos estes nadas?

O Carlos chegou agora mesmo do Pôrto, de assistir ao desafio do

Sporting. Vinha tão triste, que eu logo vi do que se tratava...

— Não faz mal. Ao menos vi-os no campo!

O «Bucha» foi aqui fora à venda comprar meio quilo de figos de mando da *senhora*. Descobriu-se.

Bucha desconfiou e escondeu-se no palheiro. Bom sinal. Toque de consciência. Mas *Bucha* foi chamado. Tinha de ser chamado a contas, — e compareceu. Primeiramente, foi enaltecido pelo óptimo exemplo que tem dado à nossa comunidade. Pequenino como é, das ruas como veio, nunca pensou em fugir e tem amor ao trabalho. Outros maiores do que êle, ali presentes, têm fugido de casa e procuram fugir ao trabalho. Foi uma pequenina tentação do *Bucha*. Como as nossas merendas são de figos e êstes por conta, abriu-se mais o apetite do *Bucha* e êle foi à loja. Foi p'ra comer!

Como o pequenino se privou de comparecer à merenda durante alguns dias, por medo ou porque fôsse, foi isso levado à conta de castigo e apenas se lhe deu mais um: declarar solenemente que nunca mais.

Foi Visado pela Censura

Noticias da Casa de Miranda

Lêmos no relatório das Conferências as esmolas que cada uma delas deu aos seus pobrezinhos. Ficamos satisfeitos por vermos que a nossa está em 5.º lugar de tôdas as conferências de Coimbra. Agora os pobrezinhos já nos estão a bater à porta a pedirem agasalhos.

A tia Inocência esteve bastante doente, por isso um dos confrades ia levar-lhe todos os dias o comer; mas agora vai melhor; já hoje veio comer cá a casa. Logo no Domingo depois do Natal, havemos de ir visitar os doentes do Hospital e levar-lhe alguns doces. Muito agradecemos ao Sr. José Ninguém, de Lisboa, que nos mandou 200\$00 para êles e para os pobrezinhos do Choupal. Foi lá o Joaquim e o Arlindo, armar-lhes uma tenda azul que aqui se fez. No dia de Natal vamos distribuir tudo quanto temos pelos nossos pobrezinhos. Só de dinheiro temos agora 500\$00.

O Secretário,

Carlos Alberto Fontes

///

O Sérgio e outros maiores escreveram uma carta ao Sr. P.º Américo. Como ela dá notícias cá da casa escuso de estar com mais trabalho. Diz o seguinte:

«Querido Pai Américo:

Fazemos votos ao Todo Poderoso pela saúde de Vossa Reverência, que nós graças a Deus ficamos todos bem.

Estranhámos imenso não nos ter feito uma visita desde o dia 1 de Setembro (e mesmo esta foi muito rápida).

Nós os Gaiatos de Miranda vamos comunicar-lhe as notícias mais recentes nesta casa. Este ano tivemos muita azeitona, embora

não tenhamos mais azeitona do que há dois anos; não devemos ficar muito atroz.

No ultimo dia da apanha da azeitona, houve um entusiasmo danado; nós os varejadores no final da tarefa formamos um grupo, com um grande búgio e latas; a Cegonha e o Morcego iam à frente a pedir as filhizes. Está claro que nesse dia tivemos uma pingarreta à merenda.

Mas no entanto a notícia que nos interessa mais, é que o Sr. Padre Adriano deu-nos um campo para jogar a bola e ao mesmo tempo dando-nos uma grande e imensa alegria.

Cantinho dos Rapazes

Meus filhos: E' preciso saber ler e escrever. Quando fôres amanhã para a vida, a primeira pergunta que te faz o dono da casa onde peças trabalho, é se sabes ler. E' preciso, mas não basta.

Há outra coisa muito importante, muitíssimo importante, à qual desde agora deves atender. Quero-me referir à consciencia. A consciencia é uma coisa que está dentro de ti, que te pica naquela mesma ocasião em que praticas as acções e te diz se elas são boas ou más. Mas faz mais a consciencia; julga-e. Ela não espera por ninguém que o venha fazer. Julga ela mesma, pela força e pelo saber que tens. Tu nunca estás só. De nada vale a gente esconder-se. Para onde queres que vás, onde quer que estejas, lá está o juiz. A consciencia é a voz do nosso Bom Deus, a chamar por ti, a dizer que te espera, a declarr-se Pai.

O pior é o pior! Temos campo mas não temos bola. Por isso escusado será dizer que o nosso maior desejo era que o «Menino Jesus» nos mandasse uma bola pela chaminé. Esperamos que o Pai Américo satisfaça o nosso pedido para no dia de Natal podermos jogar um desafio internacional.

Agradecemos bastante. Todos os dias pedimos a Deus pela sua saúde.

Terminamos, enviando-lhe um abraço filial e pedindo-lhe a benção para todos.

OS GAIATOS.

Durante a colheita da azeitona, o maior desastre que nos aconteceu foi o Zé Maria se queimar. Acendemos uma fogueira para cada um à vez se ir aquecer. Quando era a vez dêle, descuidou-se ao olhar para a estrada, e o fogo pegou-se-lhe às calças que trazia. O nosso rapaz, muito aflito, começou a saltar e, cada vez ardia mais, o Rádio e o Morcego é que se lembraram de lhe rasgar as calças pelo cimo da perna, senão até se lhe podia pegar o fogo ao resto da roupa.

///

Para apressar a colheita da azeitona formamos entre nós dois grupos; os maiores contra os mais pequenos. No primeiro dia que foram apanhá-la, os mais pequenos venceram os maiores por 50 medidas a 22; na segunda os maiores venceram os pequenos por 19,5 a 18,5; na terceira os mesmos saíram vencedores por 80,5 a 72. Houve perto de 6 moinhos de azeitona, mas como o caroço não dá azeitão, não chega o azeitão para todo o ano, nem lá perto. Mas havemos de contentar-nos com aquilo que Deus nos dá.

///

O Velha foi pesar os cães. O Leão pesava 25 quilos e a tachica 20 e meio.

///

Há dias o Leiria foi chamar a senhora:

— O' minha senhora, está ali o ti Manuel das ovelhas com carne fresca. (Este homem é que às vezes nos vende a carne).

A senhora foi a ver e era o Velha com o cão às costas;

— Quere comprar minha Senhora?...

PÃO DOS POBRES

E' o livro do Padre Américo que se vende em tôdas as Livrarias da Portugal.

Indicação, Vale

Ma muito post em 10 um São eram hou difer me r tar.

Net escre nal q se n Céu, Po tam

Out tais c quenc Gaia padre procu passa cado res a mem result sido i temp cristã

E' a se quem dona quatr prisã del. demo. que r conve ele q serrai mione e ir à pregu Mãe? que n vado peque o que socie

Fel esta-s que el há m toda seus n muito. é ass um q